



A reinvenção das cidades

À frente da Garimpo de Soluções, empresa que presta consultoria para organizações e governos no Brasil e no exterior, Ana Carla Fonseca desenvolve projetos que valorizam a singularidade de cada cidade. “Gosto de riscar o fósforo. Se as pessoas vão fazer a fogueira a partir disso, é com elas”

// Por Daniel Benevides e Edmundo Clairefont texto Fe Pinheiro fotos

O momento de preencher a ficha de hotel é sempre motivo de crise para Ana Carla Fonseca. A paulistana tem um currículo tão variado, é tanta coisa ao mesmo tempo, que é comum ficar em dúvida na hora de definir o que faz. Ela poderia escrever que é economista, urbanista, planejadora, pesquisadora, administradora, empresária, intérprete, empreendedora, consultora, assessora da ONU, autora de livros. Mas é bem provável que anotasse “ocupação: romântica crítica”. É como ela se define, meio sério, meio brincando. Ana Carla, conhecida entre amigos por Cainha, é especialista em economia criativa. Vive de pensar soluções para, utilizando as particularidades culturais do local, tornar a vida nas cidades melhor, mais humana, mais integrada, mais rica, menos desigual. Ela conta um exemplo.

Guaramiranga, no Ceará, é um lugarejo de 6.100 habitantes a uns 100 quilômetros de Fortaleza. Sem grandes atrativos, vivia um processo de migração. A felicidade, as oportunidades e o dinheiro estavam lá fora, nos grandes centros. “Para você ter uma ideia, a cidade não tinha praticamente nenhum restaurante”, conta. Em 2000, foi criado o Festival Jazz & Blues, realizado na época do Carnaval. “A festa transformou completamente a vida dos habitantes. Eles participam ativamente de todo o processo e colocam a criatividade em prática. Isso que é legal, integrar todos os setores, criar um ambiente de rede. Ah, e Guaramiranga tem agora mais de 20 restaurantes.”

Inspirada por esse tipo de ação, Ana Carla encabeça a Garimpo de Soluções, empresa que presta consultoria a organizações, multinacionais e governos para projetos de economia criativa no Brasil e no mundo. Ela já deu palestras em 25 países e editou e/ou escreveu alguns livros que logo se tornaram referência das melhorias urbanas e do marketing cultural. Venceu o prêmio Jabuti, o mais prestigioso da literatura nacional, com *Economia da cultura e desenvolvimento sustentável*, em 2007. Este ano, foi indicada a outro por *Cidades criativas*, lançado pela Sesi Editora. Cainha também atua como assessora da ONU e como professora convidada em quatro universidades – em Córdoba e Madri, na Espanha, e no Rio e em São Paulo.

Para ter uma ideia do seu pique, basta um único assunto despertar seu interesse que ela é capaz de estudar uma nova língua só para entendê-lo melhor. Foi isso o que fez em fevereiro, quando embarcou para um curso intensivo de alemão em Düsseldorf, com o intuito de pesquisar, *in loco*, o processo de transformação das cidades no vale do Ruhr, que passaram de grandes mineradoras a exemplos de inovação ecológica.

Cainha começou a carreira querendo ser médica, como os pais. Acabou prestando administração pública na FGV (Fundação Getulio Vargas, onde hoje leciona) e economia na USP (Universidade de São Paulo). cursou as duas faculdades, uma de manhã, outra de noite. Fez estágios na Cinemateca e em um projeto do publicitário David Ogilvy. Matriculou-se em cursos

de escultura e línguas – fala fluentemente cinco. Escreveu uma tese de mestrado e outra de doutorado – dessa vez em urbanismo, pela FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP). Trabalhou como intérprete no Theatro Municipal de São Paulo e como assessora no consulado francês, além dos 15 anos que passou na gigante Unilever, que a levou a morar em Londres e Milão. Alta, magra e simpática, além de querer mudar o mundo, Cainha, 44 anos, é adepta da natação e do velejamento.

Um dos trabalhos mais interessantes da Garimpo de Soluções é o livro *Cidades criativas – Perspectivas...*

É um trabalho lindo. São 18 autores de várias partes do mundo com reflexões sobre a cidade criativa. O livro foi disponibilizado para download gratuito no site da Garimpo de Soluções.



Ana Carla dá palestra sobre empreendedorismo criativo em Tallinn, Estônia. Abaixo, Jardim Botânico em Medellín, Colômbia. Na página ao lado, o elefante que é parte da revitalização de Nantes



“Guaramiranga, no Ceará, conseguiu transformar a vida de seus habitantes realizando um festival de blues no meio do Carnaval!”

E o que é uma cidade criativa?

Na Garimpo pensamos as cidades criativas a partir de três vetores: inovações, conexões e cultura. Veja o caso da Flip [*Festa Literária Internacional de Paraty*] ou do Festival de Edimburgo, na Escócia [*criado em 1947, é o maior evento de artes do mundo*]. O texto que escrevi no livro é sobre uma cidade singela no Ceará, Guaramiranga. Ela conseguiu dinamizar sua economia e diminuir a migração depois que passou a abrigar um festival de jazz e blues na época do Carnaval. Isso transformou a vida dos habitantes, que participaram ativamente de todo o processo, gerando inclusive atividades paralelas nas cidades vizinhas. A economia criativa é a busca de um novo olhar, com base na singularidade de cada região. Guaramiranga é um exemplo de como uma cidade depauperada pode florescer utilizando a criatividade.

Como foi o trabalho em Pennine Lancashire, na Inglaterra?

Na verdade, eu acompanhei essa história, mas foi um amigo que realizou esse projeto. Uma das ideias era criar um concurso internacional para utilizar as lindas paisagens da região em obras de arte. Uma delas é uma espécie de árvore feita com tubos de metal que “cantam” quando o vento bate. Esse projeto empregou 69 empresas. Ganhou repercussão, deu à região prêmios de design, divulgação em revista, jornais, internet. E a visita local, de um pedaço da Inglaterra que não atraía muita atenção, passou a chamar 37 mil pessoas por ano.

A base desses projetos é sempre a cultura?

Não só. Em Nantes, o festival Les Allumées convidava artistas estrangeiros a expor em lugares inusitados da cidade. >>



Sesc Belenzinho, exemplo para São Paulo

Mas houve também investimentos no reaproveitamento de antigas fábricas e na criação de escritórios para empresas criativas. Uma ilha em frente ao centro histórico foi remodelada para abrigar experiências culturais e ecológicas. Fizeram um projeto incrível de construção de bonecos gigantes, que se movem com máquinas engenhosas; um deles é um enorme elefante de madeira que carrega as pessoas pelo antigo estaleiro e que atrai 200 mil visitantes todo ano. Hoje Nantes não apenas superou a crise dos anos 80, quando suas indústrias afundaram, mas também é tida como a melhor cidade para se viver na França.

A economia criativa reduz a desigualdade?

Em Medellín, na Colômbia, foi realizado um trabalho sensacional de melhorias nas áreas mais pobres e mais violentas. Com investimento na cultura, mas também com um plano amplo, que integra emprego, transporte, educação, saúde, moradia, paisagismo e renovação do espaço urbano. O principal é que são as próprias comunidades que elegem suas prioridades e realizam boa parte do trabalho. Com tudo isso, e a construção dos famosos parques-biblioteca, a cidade há muito deixou de ser associada ao tráfico de drogas e se transformou num polo turístico e em exemplo internacional de inclusão social.

E no que você está trabalhando no momento?

Além dos seminários e das consultorias e palestras internacionais, um projeto em especial está me deixando enlouquecida de alegria e de trabalho. É o portal do Criaticidades [www.criaticidades.com.br]. Ele será a base de um projeto voltado a estimular os habitantes de São Paulo a propor soluções e ideias concretas, em uma série de eixos que unem vários setores,

como transporte, saúde, cultura... Um exemplo é entender que sem um transporte com qualidade você não frequenta uma atração cultural, por mais interessante que ela seja. A intenção, então, é articular com várias instituições empenhadas em transformar a cidade a partir do que os cidadãos sabem, pensam e fazem. Será um canal que trará à luz propostas que já estão latentes, mas não se dão a ver.

Qual a influência da sua história familiar nesse seu garimpo?

Eu brinco que sou filha do café com leite. Papai era de uma pequena cidade do sul de Minas, Carmo do Rio Claro. Veio para São Paulo prestar medicina na USP e por aqui ficou. Mas minha referência sempre foi mamãe. Guerreira, explosiva, arrojada e flexível, tudo com ela era um mundo de encantamento e descobertas. Muito do que amo e faço foi moldado nessa época.

Como passou desse mundo para a aridez da economia?

Eu lia muito Marx, queria entender como funcionava esse tal “vil metal”, “a mola do mundo” etc. Não associava isso a uma ideologia, mas à ideia de um mundo mais feliz. Vejo a economia muito mais como ciência humana. Foi através da economia que percebi que para poder decidir o que é justo é preciso pensar: mas justo pra quem? É fundamental estabelecer prioridades.

Como foi o período trabalhando para uma multinacional?

Me encantei com o mundo do marketing como tomada de decisões. Na Unilever, fui para Milão e Londres, no momento em que a economia criativa começava a ser discutida, era final dos anos 90. O premier britânico Tony Blair criou a lógica de indústrias criativas. Milão já fazia isso havia muitos anos, com a moda, o design, a arquitetura e a fotografia, o que, além de dinamizar a economia, trazia em si toda a essência cultural de um país, símbolo, autoestima, código, repertório... E então eu falei: ah, preciso resolver isso!



Cidades criativas – Perspectivas, 2009;
Cidades criativas – Soluções inventivas, 2010; livros organizados por Ana Carla



“Gosto de riscar o fósforo. Se as cidades e as pessoas vão fazer a fogueira a partir disso, é com elas”

e a inserção do museu Guggenheim em Bilbao. São exemplos de como é possível reinventar a cidade a partir de grandes projetos, colocando-os a serviço de seus habitantes, e não o contrário. No Brasil, gostaria de ver o orçamento da Fifa, como o dinheiro tem sido gasto. É o mínimo. Estamos vivendo uma era em que os valores estão em crise, então é natural que surjam manifestações. Meu receio é que o tempo até a Copa não seja suficiente para as transformações necessárias.

Se pudesse escolher uma cidade para transformar, qual seria?

Sou uma cidadã do mundo, mas minha alma é paulistana. Não conseguiria ser arrogante a ponto de dizer que poderia transformar uma cidade. Você não faz isso sozinho. O que se pode fazer mais do que tudo é unir as pessoas para que tomem as rédeas. Um projeto que acaba de sair, o Sampa CriAtiva, é um canal para estimular os paulistanos. Como fazer 11 milhões de pessoas pensarem na cidade, se apropriarem dela? Porque o fácil, o normal é ficar se queixando. Mas, se você não participa, as coisas não andam.

E como é que São Paulo se torna uma cidade criativa?

São Paulo é bastante multifacetada, o trabalho é mais difícil. É carente de conexões, com áreas muito fechadas em si. Por isso é tão importante ampliar os mapas mentais e afetivos das pessoas. O caso do Sesc Belenzinho é dos mais bem-sucedidos [localizado num bairro distante do centro, oferece um disputado cardápio de atrações]. A gente precisa atizar a curiosidade, despertar o pensamento alternativo, inspirar a busca por novas soluções. Às vezes, você pode começar espalhando plaquinhas com o nome das árvores pelo bairro. Isso pode gerar um sentimento de cuidado. Coisas assim, simples, também fazem as pessoas assumirem a parte da cidade de que gostam. E, se isso der certo, é um exemplo que pode inspirar outros locais. Este é meu sonho: participar do processo de trazer as pessoas para a mudança. Gosto disso, de riscar o fósforo. Se as cidades, se pessoas vão fazer a fogueira a partir disso, é com elas. //

Conheça mais sobre o trabalho de Ana Carla Fonseca:
www.garimpodesolucoes.com.br

E resolveu como?

Primeiro escrevendo um livro. Escrevia da meia-noite às seis da manhã, porque trabalhava que nem uma louca. Fiquei quatro anos escrevendo o *Marketing cultural e financiamento da cultura* [2003]. Depois, criei coragem para sair da zona de conforto, pedir demissão e voltar ao Brasil para fundar uma empresa que juntasse todas as esquizofrenias que vim colhendo ao longo dos anos: a economia, a cultura, a questão do Brasil no mundo. Aí surgiu a Garimpo de Soluções.

O livro *Cidades criativas – Soluções inventivas* tem bastante a ver com as críticas aos gastos com a Copa e a Olimpíada, não? Esse livro mostra os processos por trás de eventos como as Olimpíadas em Barcelona e Londres, a Copa na África do Sul